



QUE OUTRAS HISTÓRIAS PODEM CONTAR OS ESCOMBROS? URBANISMO SOCIAL E MILITARIZAÇÃO EM MEDELLÍN, COLÔMBIA.

EIXO TEMÁTICO: “OUTRAS” HISTÓRIAS?

BARZAGHI, Lou

Doutorando; FECFAU/Unicamp
c264177@dac.unicamp.br

RESUMO

Medellín, antiga capital do narcotráfico hoje é conhecida como cidade resiliente e se tornou um modelo para outras cidades do globo. Este artigo se volta para o passado recente da cidade e busca questionar as narrativas de superação que têm sido mobilizadas na construção um caso de sucesso passível de replicação em outros lugares. Aborda especificamente o caso da Comuna 13, outrora um dos territórios mais violentos da cidade, hoje convertido em atrativo para turistas que visitam as famosas escadas rolantes a céu aberto, inauguradas em 2011. Mostra como o modelo de intervenção urbana celebrado e exportado com o nome de Urbanismo Social não é separável de estratégias de segurança que acarretam na militarização do espaço urbano. Considera, ainda, um cenário em que “outras histórias” são produzidas como parte da consolidação de uma subjetividade que mescla militarização e cultura cidadã e a produção de memória contribui para consolidar a imagem de um caso de sucesso. Por fim, sugere que nos escombros podemos encontrar as ferramentas necessárias para criar um novo quadro referencial para ler o passado e o presente.

PALAVRAS-CHAVE: MEDELLÍN; MILITARIZAÇÃO; MUJERES CAMINANDO POR LA VERDAD; URBANISMO SOCIAL; GUERRA ÀS DROGAS.

WHAT OTHER STORIES CAN THE RUBBLE TELL? SOCIAL URBANISM AND MILITARIZATION IN MEDELLÍN, COLOMBIA.

ABSTRACT

Medellín, once the former capital of drug trafficking, is now known as a resilient city and has become a model for other cities worldwide. This paper focuses on the city's recent past and aims to question the narratives of overcoming that have been mobilized in constructing a success story capable of replication elsewhere. It specifically addresses the case of Comuna 13, once one of the city's most violent territories, now transformed into a tourist attraction with its famous open-air escalators inaugurated in 2011. It demonstrates how the celebrated and exported of urban intervention – known as Social Urbanism – is inseparable from security strategies that lead to the militarization of urban space. It also considers a scenario where "other stories" are produced as part of consolidating a subjectivity that combines militarization and civic culture, and how memory production contributes to solidifying the image of a success story. Finally, it suggests that in the rubble, we can find the necessary tools to create a new framework for interpreting the past and the present.

KEY-WORDS: MEDELLÍN; MILITARIZATION; MUJERES CAMINANDO POR LA VERDAD; SOCIAL URBANISM; WAR ON DRUGS.

¿QUÉ OTRAS HISTORIAS PUEDEN CONTAR LOS ESCOMBROS? URBANISMO SOCIAL Y MILITARIZACIÓN EN MEDELLÍN, COLOMBIA.

RESUMEN

Medellín, antes la capital del narcotráfico, ahora es conocida como una ciudad resiliente y se convirtió en un modelo para otras ciudades en todo el mundo. Este artículo se centra en el pasado reciente de la ciudad y tiene como objetivo cuestionar las narrativas de superación que se han movilizado en la construcción de una historia de éxito capaz de replicarse en otros lugares. Aborda específicamente el caso de la Comuna 13, antes uno de los territorios más violentos de la ciudad, ahora transformado en una atracción turística con sus famosas escaleras mecánicas al aire libre inauguradas en 2011. Muestra cómo el modelo de intervención urbana celebrado y exportado bajo el nombre Urbanismo Social no puede separarse de las políticas de seguridad que resultan en la militarización del espacio urbano. Además, considera un escenario en el que se generan "otras historias" como parte de la consolidación de una subjetividad que combina militarización y cultura

cívica, y cómo la producción de memoria contribuye a afianzar la imagen de un caso de éxito. Finalmente, sugiere que entre los escombros podemos encontrar las herramientas necesarias para crear un nuevo marco de referencia para interpretar el pasado y el presente.

PALABRAS CLAVE: MEDELLÍN; MILITARIZACIÓN; MUJERES CAMINANDO POR LA VERDAD; URBANISMO SOCIAL; GUERRA CONTRA LAS DROGAS.

INTRODUÇÃO

Deu no jornal: “o exemplo bem-sucedido da comuna 13 mostra que é possível pacificar uma comunidade e ainda gerar empregos investindo na cultura local”. (Madalosso, 2022, s.p.) Uma escritora deslumbrada pelo seu turismo de favela durante a Feira do Livro de Medellín em 2022 celebra as transformações proporcionadas pela arte e pelas escadas rolantes que “atravessam essa comunidade que não só pulsa como gera renda”. (Madalosso, 2022, s.p.)

Em seu texto de opinião, reivindica que a comuna sirva de modelo para mostrar que não é necessário tolerar a morte e o genocídio de parte da população de um país, como aponta ser o caso do Brasil. Seu texto foi escrito 20 anos depois do momento descrito por ela como “o fundo do poço”, momento que se considera o auge do conflito armado urbano na cidade e que levou o “governo a se mobilizar”. (Madalosso, 2022, s.p.) Sem entrar em detalhes, menciona as operações militares levadas a cabo na comuna 13 nos anos 2001 e 2002, e seu texto fala que o objetivo militar era “extirpar as guerrilhas”, para em seguida concluir que “tendo finalmente conseguido botar o *narco* para fora, os moradores não podiam deixá-lo voltar” (Madalosso, 2022, s.p.).

A comuna 13 – San Javier de Medellín, por muito tempo considerada a área mais violenta da cidade, está entre as zonas da cidade que passaram por grandes intervenções urbanas nos últimos anos. A comuna surgiu a partir de diversos assentamentos informais, processo acelerado nos anos 1980. Fazem parte dela os bairros El Pesebre, Blanquizal, Santa Rosa de Lima, Los Alcázares, Metropolitano, La Pradera, Juan XXIII La Quiebra, San Javier No.1, San Javier No.2, Veinte de Julio, Belencito, Betania, El Corazón, Las Independencias, Nuevos Conquistadores, El Salado, Eduardo Santos, Antonio Nariño y El Socorro. Embora a “comuna

13” tenha se difundido como ponto turístico nos últimos anos, devido à sua bem-sucedida “pacificação”, às suas escadas rolantes a céu aberto e aos seus graffitours, o que costuma ser generalizado sob o termo não ultrapassa 5 ou 6 bairros. Os bairros que mais tiveram foco nas intervenções urbanas desde a década de 90 foram El Salado, Las Independencias I, II e III, 20 de Julio e Nuevos Conquistadores. Junto a estes bairros, no início do século XXI, Belencito Corazón e 20 de Julio também estiveram sob intervenção do Estado colombiano. A intervenção, aqui, é também militar.

No final dos anos 1990, a comuna tinha forte presença de milícias urbanas vinculadas a grupos guerrilheiros. De maneira esquemática, se pode dizer que o momento marca também o aumento da presença paramilitar na cidade, que disputava o controle de territórios e da economia criminal. Enquanto os paramilitares tiveram certo sucesso em cooptar os grupos de outros bairros, a comuna 13 apresentava um obstáculo devido à forte presença miliciana. Daí que, nos primeiros anos do século XXI, bairros como Las Independencias, Belencito Corazón e 20 de Julio tenham se tornado o palco para o Estado Colombiano testar sua nova política de guerra total contra as guerrilhas, guerra essa que se mescla com a guerra às drogas. Principalmente nos anos 2001 e 2002, esse território urbano foi convertido em alvo militar e, após mais de 20 operações, o exército colombiano declarou ter, enfim, pacificado os bairros. Sempre com base na necessidade de fortalecer a presença institucional, constitui-se um território penetrado pelas forças armadas, no qual elas devem seguir sempre penetrando. A base militar instalada após as operações segue em atividade.

Anos depois, no bairro Las Independencias, foram inauguradas as escadas rolantes a céu aberto, uma obra de infraestrutura de proporções monumentais, que desemboca no Sendero de Conexión, por onde passeiam os turistas que admiram as vistas panorâmicas da cidade. Assim, o ciclo está formado. A militarização abre alas para a chamada “intervenção social”, os turistas chegam, o exército segue ali para garantir a livre circulação de turistas.

Medellín é a segunda cidade em população e importância política, administrativa e econômica da Colômbia, depois da capital Bogotá. É a capital do departamento de Antioquia, e está subdividida em 21 setores, sendo 16 comunas e 5 corregimientos rurales. Ao longo dos anos

1990, a cidade era conhecida mundialmente por sua posição central na economia de drogas ilícitas, bem como pelos altos índices de violência homicida, tendo sido apontada como a cidade mais violenta do mundo em 1991, ano que também é marcado pela promulgação de uma nova constituição no país. Na última década do século XX, Medellín se tornou um laboratório da violência e, ao longo da década, foram múltiplas as análises que abordavam a “epidemia de violência” e buscavam soluções que envolviam a segurança e o planejamento urbano. Instituições como o BID, o PNUD e o Banco Mundial estão entre aquelas que enfatizaram a segurança cidadã e a segurança humana, termos que tinham entrado em voga no léxico das organizações internacionais nessa mesma década. Localmente, foram realizados os Seminários Internacionais *Alternativas de Futuro para Medellín y su área metropolitana* a partir de 1991, nos quais eram apresentadas propostas relativas à segurança e à produção urbana vindas de militares, cidadãos, pesquisadores, representantes da indústria e do Estado.

A princípios do século XXI, figurava um arcabouço teórico em que capital físico e humano tornam-se elementos centrais para o chamado desenvolvimento humano. Pobreza, informalidade, violência, tráfico de drogas, toxicodependência, desigualdade etc. são vistos como ameaças aos objetivos de Segurança Humana, Segurança Cidadã, coexistência, democracia, competitividade e Paz que deveriam aparecer no horizonte colombiano. O espaço público e a gestão da sua ocupação aparecerão como centrais na espacialização destes objetivos.

A violência, nesse contexto, é sempre apresentada com base no discurso de “ausência de Estado”, o que funciona como justificativa para consolidar a imagem de territórios à margem, mais próximos a um suposto estado de natureza ou de guerra permanente de todos contra todos. A mobilização da noção de ausência de Estado tem como efeito a demarcação de territórios nos quais o aparato estatal deve sempre estar penetrando sem, no entanto, se consolidar de maneira definitiva (Serje, 2012). Tal quadro referencial tanto delimita diferentes hierarquias no campo social, como demarca espacialmente onde o Estado está autorizado a atuar com base na suspensão da lei, ou seja, mediante a exceção.

Garantir a presença estatal é formulado em termos ocupação do território, seja por meio de obras de infraestrutura, regularização de assentamentos informais ou presença coercitiva. Nas últimas décadas, Medellín retornou aos holofotes e tem sido celebrada por seu urbanismo, especialmente no que diz respeito às intervenções realizadas em comunas pobres da cidade. Essas ficaram conhecidas como urbanismo social, e sua principal estratégia são os *Proyectos Urbanos Integrales (PUI)*, tal como definido pela Alcaldía de Medellín em 2008. O PUI aparece como “um instrumento de Planejamento e intervenção física em zonas caracterizadas por altos índices de marginalidade, segregação, pobreza e violência” (Restrepo; Orsini, 2010, p. 140). São consideradas parte dos PUI intervenções enfocando em habitação, equipamentos de segurança, instituições educativas ou infraestrutura para mobilidade e a comuna 13 se tornou palco para várias dessas intervenções.

Este artigo se pergunta pelas narrativas construídas em torno da cidade de Medellín no passado recente. Busca reconstituir o entrelaçamento entre operações militares e arquitetônicas cujo alvo são as periferias e questionar como a própria produção de memória contribui para consolidar um caso de sucesso que se transforma em um modelo de intervenção urbana exportável. Considera um cenário em que “outras histórias” são produzidas como parte da consolidação de uma subjetividade que mescla militarização e cultura cidadã. Por fim, sugere que nos escombros podemos encontrar as ferramentas necessárias para criar um novo quadro referencial para ler o passado e o presente.

Um caso de sucesso

Medellín, 1991. Capital mundial do narcotráfico, mais conhecida como epicentro da violência global e território dominado por *capos*, chefões do narco, dos quais o mais famoso atendia pelo nome de Pablo Emílio Escobar Gaviria.

Medellín, 2011. Uma escada em direção ao céu é inaugurada e um bairro famigerado pela violência, que agora figura como território ocupado pelo estado. Celebrada como símbolo de uma nova cidade, a construção das escadas rolantes a céu aberto na Comuna 13 se torna um cartão de visitas de um modelo de intervenção urbana. A tal modelo, nomeado urbanismo

social, se atribui a responsabilidade por quitar uma dívida social histórica relativa à desigualdade econômica e acabar com a violência perpetrada por grupos a margem da lei.

Assim se constrói um “caso de sucesso”. Dois fatos que sintetizam a historieta de uma cidade que deixa para trás seu passado nefasto e entra no século XXI como modelo de transformação. De delinquentes a resilientes, os jovens das periferias de Medellín já não são retratados como uma geração “sem futuro”, cuja imagem foi consagrada pelo filme *Rodrigo D – No futuro*, de Victor Gaviria (1990). Não, o programa *Jóvenes con Futuro*, da Alcaldía, agora figura como uma entre as oportunidades que um Estado cuidadoso oferece a pessoas pobres para que elas tenham seu lugar garantido no mercado de trabalho, mesmo tendo abandonado os estudos por falta de dinheiro. É também o caso dos *Jóvenes en Paz*, vinculados a programa homônimo lançado em 2023 e que agracia com 1 milhão de pesos mensais (cerca de R\$ 1350,00) jovens que se distanciem da criminalidade para estudar e prestar serviços comunitários. A eles se soma o programa *Jóvenes Resilientes*, um programa da USAID (U.S. Agency for International Development) na Colômbia, o primeiro que tem como objetivo de intervenção a juventude, e busca formar indivíduos seguros, produtivos e comprometidos com a paz e a cultura cidadã.

Com futuro ou não, os jovens seguem sendo o objeto privilegiado quando se trata de abordar o tema da violência urbana. Não cessam de proliferar estudos (Duque; Montoya; Restrepo, 2013; Hernández-Holguín; Sánchez, Páez; Montoya-Vásquez, 2016; CERAC, 2014) que os separam entre os que apresentam comportamentos de risco e aqueles que possuem condutas resilientes. Estudos que apontam para as causas e curas de tais comportamentos, bem como apresentam medições do nível de resiliência entre o grupo estudado. Péssimas mães e faltas de oportunidade no mercado de trabalho costumam aparecer como as principais causas para jovens buscarem uma vida marcada por “condutas de risco” – sejam elas práticas sexuais, vinculação a grupos delinquentes ou uso de drogas.

Não surpreende, então, que as escadas rolantes da comuna 13 sejam celebradas por também propiciarem um espaço para a expressão artística de jovens que agora narram a história oficial do bairro. Faça o *graffitour* e compre o best-seller escrito por um policial que conta a história

da pacificação do bairro. Na mesma barraca, leve como souvenir uma camiseta com a *mug shot* de Pablo Escobar estampada. E pouco parece importar que as notícias sobre o bairro transformado cheguem ao Brasil com imprecisões ou informações incorretas, pois a história oficial já está contada, inclusive nos grafites, e ela é assim: a comuna 13 é um modelo de urbanismo e segurança pública a ser replicado nas periferias pelo mundo afora.

Falsos equivalentes

No texto de opinião acima mencionado, guerrilha e *narco* parecem sinônimos, assim como o são operações militares e moradores. O primeiro falso equivalente é facilmente explicável pelo fato de que, no século XXI, a guerra às drogas colombiana foi declarada como uma guerra frontal ao terrorismo, atribuído a grupos guerrilheiros. A sobreposição entre narcotráfico e terrorismo nas políticas de Segurança colombianas não são novidade, e desde o final dos anos 1980 ambos já eram sobrepostos, confundindo os objetivos contrainsurgentes e antinarcóticos e alinhando os discursos Nacionais a discursos de Segurança Internacional que justificavam o orçamento militar estadunidense dedicado ao país latino. Uma estratégia bastante eficaz para justificar investimentos militares em um contexto em que a “ameaça comunista”, combatida ativamente no continente latino-americano ao menos desde a Doutrina de Segurança Nacional, se enfraquecia.

Foram os desdobramentos do 11 de Setembro de 2001 que facilitaram, mais uma vez, a sobreposição entre terrorismo e narcotráfico na Colômbia. Seguindo os passos da guerra global contra o terror, em 2002, o recém-eleito presidente Álvaro Uribe ressuscitou, diretamente dos anos 1980, a noção de narcoterrorismo e fundiu as guerrilhas e o narcotráfico, consolidando um inimigo absoluto que seria combatido por sua Política de Defensa y Seguridad Democrática.

O segundo falso equivalente, entre operações militares e moradores, é um ato falho curioso que, provavelmente sem saber, ecoa o texto da Política de Seguridad Democrática, o qual sustenta que

“a segurança não é entendida, em primeira instância, como segurança do Estado, tampouco como segurança do cidadão sem a participação do Estado, mas como a

proteção do cidadão e da democracia por parte do Estado, com a cooperação solidária e o compromisso de toda a sociedade” (República de Colombia, 2003, p. 13).

No contexto da Política de Seguridad Democrática a sobreposição entre narcotráfico e guerrilha permite desmanchar qualquer separação entre ameaças internas e externas, entre atuações próprias do exército e da polícia, pois. Ao mesmo tempo, cidadãos são convocados a se engajar na guerra contra o novo inimigo absoluto, seja como informantes pagos¹, seja como entusiastas das intervenções militares nas periferias. Em outras palavras, o exercício da cidadania se confunde com objetivos militares.

Tais falsos equivalentes podem parecer deslizes, mas são bastante eficazes em criar um modelo passível de exportação. Enquanto o conflito armado colombiano é bastante específico, o narcotráfico não. Pelo contrário, cada vez mais apresentado como uma das principais ameaças transnacionais, o mercado de drogas ilícitas é facilmente replicado como o principal responsável pelos mais nefastos cenários de violência que se alastram pelo globo, mas principalmente pela América Latina.

Militarização

Uma das primeiras medidas do governo Uribe foi declarar, em 11 de agosto de 2002, estado de comoção interior através do Decreto No. 1837, prolongado até 6 de maio de 2003. Em 16 de outubro de 2002, foi realizada a operação Orión, na comuna 13 de Medellín, cidade que se converteu em um laboratório para a implementação da política de Seguridad Democrática em todo o país. Orión é considerada a última de mais de uma dezena de intervenções realizadas na comuna com o objetivo militar de controle do território.

A ocupação militar da comuna 13 não foi um caso isolado, e outras operações do tipo foram realizadas na cidade à época (Rodríguez et. al., 2021). Tampouco pode ser considerada um acontecimento pontual, não apenas pela corrente fusão entre polícia e exército ou pela presença de bases militares em toda a cidade. Mas também pelo dia a dia de execuções que

¹ A *directiva No. 29 de 2005*, estabeleceu um sistema de recompensas monetárias a informantes.

fizeram (fazem) parte de uma política de Estado, cuja diretiva são execuções extrajudiciais. O maior escândalo militar da história do país consistiu em apresentar “Falsos Positivos” como medida de sucesso da guerra contra o terrorismo. Um falso positivo é um civil executado, posteriormente vestido com indumentária de inimigo e apresentado como “morto em combate”. É nesse cenário que se abre alas para a implementação dos projetos urbanos integrais e grandes obras de infraestrutura que colocaram Medellín em foco.

Não são poucos os textos de opinião que mencionam as operações militares como um acontecimento “pontual”, ora como o controverso mal necessário para a expulsão do narco, ora como uma espécie de deslize autoritário do governo Uribe (2002-2010) (Diniz, 2017). Antes de mais nada, não deveria ser preciso dizer que o narco segue muito bem, obrigado. Sabidamente, as intervenções de “retomada” da Comuna 13 de Medellín tiveram colaboração direta de grupos paramilitares que passaram a controlar as redes de distribuição de narcóticos na cidade na alvorada do século XXI.

Mobilizada desde o final dos anos 1980, a sobreposição entre narco e guerrilha consolida a imagem de um inimigo absoluto, interno, autorizando que medidas propriamente militares se espalhem pelo campo social. No contexto da guerra global contra o terror, o terrorista pode ser qualquer um e, frente a esse inimigo generalizado, segue sendo evocado o direito de matar. Os paramilitares, aqui, passam a exercer uma dupla função. Por um lado, estão autorizados pelo Estado a realizar atos ilegais de coação, punição e policiamento, frequentemente atuando para o que se entende ser a preservação da segurança nacional. Por outro, com o relativo sucesso em expulsar grupos guerrilheiros de determinados bairros, as execuções extrajudiciais precisam de outra justificativa plausível.

Em 04 de Janeiro de 2006, Héctor Adolfo González Lopes desapareceu de Medellín, reapareceu em Alto de Minas, Santa Bárbara, Antioquia. Foi executado pelo batalhão Ingenieros de Combate No. 4 general Pedro Nel Ospina, e reportado como paramilitar morto em combate. Em 21 de Janeiro de 2006, Carlos Alberto Hernández foi encontrar seus amigos no bairro El Salado (Comuna 13), e estiveram juntos até a uma da manhã, quando Carlos se despediu. Nunca chegou em casa e às 5 da manhã foi apresentado como “morto em combate”

pelos membros da brigada 4 do exército. No mesmo bairro, foram executados pelo exército Josué Isaías Moreno e Mauricio Parra Correa no dia 26 de março de 2006. Josué Isaías era um desmobilizado das Autodefensas Unidas de Colombia, ele e Maurício foram reportados como guerrilheiros mortos em combate.

Estamos diante de um inimigo que não cessa de ser atualizado e vestido com a roupagem que convir melhor ao Estado para garantir sua função assassina. E não só supostos guerrilheiros ou paramilitares mobilizam a mão dura contra o terror. Cada vez mais, jovens que saem às ruas para protestar são desaparecidos ou condenados por terrorismo (El Colombiano, 2023). A renovação de Medellín vai de mão dada com a produção discursiva de inimigo absoluto que legitima o desejo pela militarização em nome da segurança, lado a lado a projetos urbanos de grande envergadura que se tornam outdoors da cultura cidadã e da pacificação.

Um braço armado, outro culturado.

No mesmo jornal onde lemos as entusiasmadas impressões de uma turista de favela, anos antes um enviado especial a Medellín deixava suas opiniões sobre a cidade modelo. (Diniz, 2017, s.p.) Para o jornalista, a antiga capital do narco é “o coração da retomada econômica e cultural do país pós-Uribe” e a comuna 13 ressurge das cinzas deixadas pela operação Orión. Além de ter virado “tela em branco para grafiteiros”, o novo atrativo turístico é celebrado por suas escadas rolantes a céu aberto e pelos pequenos negócios que “pipocaram na comuna, repleta de pequenos ateliês e cafés onde se vendem obras cujas imagens remetem aos dias dos toques de recolher e tiros” (Diniz, 2017, s.p.).

O comércio, formal e informal, intensificado com o fluxo de turistas que sobem os morros pelas escadas rolantes, aparece como indicativo de prosperidade, enquanto a violência é situada como algo do passado. Atualmente, a estrutura econômica da Comuna 13 é baseada em 5 grupos de atividades: Alimentos, artesanato, vestuário, comércio, serviços. Ali, as casas se tornam unidades produtivas, e o autoemprego a principal forma de subsistência. (Alcaldía de Medellín, 2014). O emprego informal, bastante característico da cidade como um todo, constitui a principal fonte de ingressos dos habitantes da comuna, e foi impulsionado pelo turismo. Vendedores ambulantes fazem parte da paisagem turística e movimentam a

economia, ao mesmo tempo que são acusados de prejudicar a mobilidade e a circulação pelo espaço público. Enquanto a Alcaldía segue em sua batalha tão antiga quanto incansável pelo controle e regulação da circulação de vendedores informais, alguns entusiastas celebram o pequeno comércio. Este é apontado como responsável por permitir que pobres incrementem sua capacidade econômica e consigam os recursos básicos para “suprir suas necessidades mais essenciais” (IAAC, 2023, s.p.).

Poderíamos, aqui, nos dedicar aos efeitos nefastos do neoliberalismo, mesmo – ou principalmente – em sua roupagem periférica oferecida por Hernando de Soto e sua celebração do comércio informal. Poderíamos, também, lembrar que o comércio de substâncias psicoativas criminalizadas também pode ser visto como parte de uma atividade econômica que combina atividades legais, ilegais e informais ao longo de sua cadeia produtiva e contribui para constituir a renda básica de muitas pessoas. No entanto, para fins de escrever outras histórias urbanas, Orión é o ponto de entrada aqui escolhido.

Mas não só Orión. Primavera, Violeta, Otoño, Mariscal, Contrafuego, Otoño II, Marfil, Prisma, Águila, Horizonte, Azabache, Horizonte II, Transparencia, Potestad (renomeada Antorcha), Náufrago, Orquídea, Turquesa e Saturno. Esses são os nomes de algumas das operações de segurança realizadas na comuna 13 de Medellín entre os anos 2001 e 2002.

Combinando exército e polícia, o Estado colombiano se baseou no mito de sua ausência para justificar as intervenções, que pretendiam pacificar o bairro. Ao ler os textos de opinião acima mencionados, saltam aos olhos dois equívocos – e pouco importa se são intencionais ou acidentais. A ideia de uma retomada pós Uribe ignora tanto o fato de que as operações militares precedem sua eleição, quanto o fato de que elas não saíram completamente de cena. Falar de pós-Uribe ou pós-Orión tem um efeito discursivo que ajuda a situar no passado um processo sistemático de militarização do espaço urbano.

Em 2022, o então prefeito de Medellín, Daniel Quintero Calle, anunciou a ativação do Batalhão de Forças Especiais Urbanas do Exército, fortalecendo a segurança com 80 novos homens e um investimento de US\$ 4 milhões em tecnologia. Esta unidade deve colaborar com a Policía

Nacional para proteger a cidade e a infraestrutura, realizando operações terrestres em zonas rurais e semiurbanas das 21 comunas e corregimentos.

Anos antes, em 2017, de uma cerimônia na IV Brigada, Luis Pérez Gutiérrez – então governador da Antioquia e prefeito de Medellín à época da “pacificação” – celebrou a fusão do Exército e da Polícia Nacional no combate à delinquência na cidade. No dia a dia, o terrorismo, que outrora legitimou a política de Segurança Democrática, se confunde com a chamada delinquência comum, e o narcotráfico continua sendo o crime de envergadura transnacional que garante a equivalência entre ambos. Ao mesmo tempo, protestos são reprimidos militarmente e “jovens vândalos” são rapidamente enquadrados na ley antiterrorista.

Bem antes disso, em 2002 foi inaugurada uma base militar na comuna 13, que segue em atividade. Não foi a única do tipo na cidade, e atualmente, as redes oficiais do Exército Nacional da Colômbia tentam aproximar as forças armadas da comunidade. Em vídeo gravado frente às escadas rolantes, celebram a importância da participação do exército na atual configuração territorial da comuna.

E já não é necessário declarar estado de comoção interior para justificar a presença do exército. Parte da população clama por ele, e a instituição cada dia mais faz parte do dia a dia da cidade. Basta um evento de grandes proporções (El Tiempo, 2023) para justificar um novo e sofisticado esquema de segurança, excepcional, mas que aos poucos vai se tornando a regra.

Daí o segundo equívoco que merece atenção. Sugerir que Medellín possa ser um modelo de como se pacifica uma cidade por meio da cultura ignora o fato de que as intervenções militares se entrelaçam ao incentivo à cultura na pacificação. Dito de maneira direta, os rios de sangue fazem parte da renovação cultural e vice-versa.

Assim como discursos médicos separam jovens com propensão a delinquência daqueles que apresentam características resilientes, atribuindo aos primeiros o desejo por dinheiro fácil e poder e comportamentos viciosos, a exaltação de jovens que contam a história e entretém turistas com seus grafites e hip-hop dá cara aos segundos. Jovens periféricos aparecem ora

como o último obstáculo para a superação de um *ethos* mafioso que se instalou no país, ora como os novos responsáveis por restaurar o que se costumava chamar *antioqueñidad* – condutas outrora atribuídas à raça antioquenha, que agora é anunciada em termos de cultura cidadã.

A cidadania performada como alistamento em uma guerra sem fim contra um inimigo absoluto que não cessa de se atualizar, tem como duplo uma cidadania própria do potencial inimigo, convertido agora em cidadão resgatado pelo Estado. Em seu *O Arquipélago de segurança*, Paul Amar lança mão do termo para-humano para se referir àquelas pessoas que, a partir de recortes de gênero, sexualidade (e, eu adicionaria, estrato social) são construídas como “sujeitos ‘vítimas’, incapazes politicamente, que devem ser constantemente protegidos ou resgatados por intervenções de coerção, não importando o seu consentimento ou desejo de serem resgatados”. (p.43) Vale notar que para o autor, que segue Foucault, a sexualidade não é equivalente a um conjunto de direitos pessoais ou de identidades minoritárias, mas “um conjunto contraditório de dinâmicas humanizadoras e de processos de hipervisibilização” (pp.41-42)

Nesse sentido, jovens pobres (principalmente homens), que historicamente são o grupo populacional privilegiado da incidência de mortes violentas em Medellín, são constantemente reapresentados como “vítimas” de condições precárias. Tais condições e suas consequências são a base para uma existência tutelada pelo Estado ou por aquelas que Amar denomina formações paraestatais (ONGs, agências privadas de segurança ou quaisquer outras formações que realizam funções terceirizadas pelo Estado). O que se chama de empoderamento pela arte se insere nessa equação, bem como os programas de assistência como Jóvenes con Futuro ou Jóvenes en Paz. O outro lado da moeda é a hipervisibilização de jovens com comportamentos desviantes, aqueles que gostam de drogas e dinheiro e não podem (ou não querem) ser salvos. Note que jovens ricos ou de classe média com os mesmos gostos escapam da para-humanização, que recai sobre pobres. Estes são rapidamente convertidos de vítimas a bandidos, e comumente seu destino são as prisões, ou a vala comum.

Construídos no imaginário como ameaça fantasmática, esses jovens se tornam a tela onde cidadãos atemorizados projetam seus mais obscuros desejos ou fobias. Produzido como um *outro racial*, um jovem de 15 anos que sonha em ter uma X95S ou um aparelho de som é reenquadrado psiquicamente como um homem hiperviril que ameaça penetrar os corpos, casas e mentes de qualquer cidadão de bem. Cidadãos que, por meio de todo um maquinário psíquico repleto de projeções e ambivalências, legitima a execução ou encarceramento desses jovens em nome de *sua* segurança. Um jovem armado convertido em um homem hiperviril ou, ainda, em um drogadito que vaga pelas ruas, de volta a uma espécie de estado de natureza, e não responde por si, são criados como fantasmas capazes de encorporar os mais brutais atos que se podem atribuir a eles antecipadamente². Tais projeções fantasmáticas tanto legitimam ações coercitivas, como o que se chama de medidas preventivas contra o crime, que combinam políticas públicas de planejamento urbano e de segurança. O que está sendo sugerido aqui é, pois, que o modelo de intervenção urbana que reposicionou Medellín nos corações e mentes de urbanistas e turistas não é absolutamente separável da militarização do espaço urbano na cidade, tampouco da consolidação de uma cultura cidadã que opera numa lógica guerreira na qual para “eu” viver, “outro” deve morrer. Mais ou menos assim: “bandido bom é bandido morto”. No entanto, tal lógica opera de maneira cada vez mais sutil. A constante divisão entre jovens resilientes e jovens perigosos contribui para a elasticidade dessa operação. Há uma conduta correta a ser seguida, uma concepção de cidadania ampliada que pode e deve ser escolhida, pois agora ela é preparada para incorporar as réplicas para-humanas da verdadeira cidadania, réplicas das quais se espera contribuição ativa na manutenção da ordem social, bem como na produção da história oficial de uma cidade resiliente.

² Sobre essas operações psíquicas consultar e a forma como elas operam na constituição de um “eu” defensável por meio de um enquadramento histórico racial ver: Butler, Judith. *A força da não violência*. São Paulo: Boitempo, 2021. O tema é mobilizado por Butler ao menos desde seu artigo “Schematic Racism and White Paranoia”, publicado em Gooding-Williams, Robert. *Reading Rodney King/Reading Urban Uprising*, Nova York: Routledge, 1993.

As escadas rolantes são a edificação que evidencia uma estratégia militar de recuperação do território. Convertidas em uma espécie de totem que conta um passado de violência, seu efeito discursivo é de, por um lado, situar no passado um processo corrente e, por outro, consolidar os para-humanos, empoderados sob tutela, que cada vez mais contribuem para os discursos oficiais que buscam contemplar “outras histórias” sobre a cidade. Não é absolutamente casual que temas como o empoderamento de gênero tenham sido adotados pelos mais inovadores tipos de policiamento internacionais e doutrinas de militarização (Amar, 2023; Smith, 2007; Enloe, 2004; 2007). Ao lado de mulheres e pessoas LGBTQIA+, figuram jovens homens pobres e outros marginalizados, que – vinculados a formações paraestatais ou mesmo estatais – ampliam a noção de cidadania. E não tarda para sair no jornal a declaração de um conselheiro da CUFA (Central Única das Favelas) endossando o “modelo Medellín”, participativo e democrático (Zezé, 2023).

Mas o Modelo Medellín já está sendo pondo em prática no Brasil. O segundo equívoco, já mencionado, passa por esquecer que, em 2006, a ocupação militar verticalizada do Complexo do Alemão foi a aplicação direta desse Modelo. Como já mostrou Vera Malaguti Batista (2011), tal modelo leva à instauração de um verdadeiro Estado de Polícia nas periferias urbanas. Daí que chame atenção o fato de que alguns trabalhos realizados no campo da Arquitetura e Urbanismo, voltados aos Proyectos Urbanos Integrales de Medellín, simplesmente não tratem da militarização do espaço urbano. Chama ainda mais atenção que passe batido da maioria dos relatos sobre o renascimento da comuna 13 o fato de que um pouco mais acima das escadas rolantes está a maior vala comum urbana do mundo.

Que outras histórias podem contar os escombros?

La escombrera

Toda construção produz algum tipo de escombro, restos que são descartados para dar forma a intervenções no território. No caso da escombrera esses destroços são também montes de carne humana. Situada na Comuna 13 e considerada a maior vala comum urbana do mundo, la Escombrera é um sítio destinado a receber entulhos, onde as Mujeres Caminando por la Verdad buscam os corpos de seus desaparecidos. O grupo surgiu no contexto do conflito

armado na comuna e se manifestou pela primeira vez em 2001, em um evento realizado no Liceo Las Independencias, para exigir a não militarização do território. Na ocasião das operações militares de 2002, estiveram entre as pessoas que levantaram bandeiras brancas frente aos ataques da Força Pública. Alguns retrataram esse episódio como a atuação de civis acossados por guerrilheiros, que os forçaram a protestar, mas relatos de moradores contestam essa versão.

Presente há muito na história do país, assim como os deslocamentos forçados e as execuções extrajudiciais, o desaparecimento passou a fazer parte do cotidiano do bairro nos primeiros anos do século XXI. Todo 16 de outubro, aniversário da operação Orión, Mujeres Caminando por la Verdad saem às ruas para bradar: “Orión nunca más!”. O grupo atua incansavelmente tentando evidenciar os crimes de Estado que são inseparáveis da história de superação que se conta sobre o bairro. Essas mulheres pressionaram à exaustão para que fosse oficialmente reconhecido o entrelaçamento entre forças militares e paramilitares nas incursões pelo bairro, fato admitido pelo paramilitar Diego Fernando Murillo Bejarano, codinome Don Berna, que em seu depoimento implicou o general Mario Montoya Uribe nos desaparecimentos.

Os esforços das Mujeres Caminando por la Verdad não são isolados. O CINEP (Centro de Investigacion y Educacion Popular Programa Por la Paz) vem registrando sistematicamente a violência estatal, praticada diretamente por seus agentes ou por grupos associados (de extermínio, paramilitares, justiça privada) não só na comuna 13, como em toda a Colômbia. Em 2003, o CINEP publicou o documento *Caso Tipo No. 2 – Comuna 13, la otra verdad*, que consistiu em um esforço de mostrar as atuações do Estado e de grupos paramilitares, bem como a repercussão na grande mídia, mapeando um processo sistemático de violência institucionalizada. Ao organizar cronologicamente uma sequência de fatos ocorridos na cidade no período entre 1998 e 2002, o documento testemunha o que se costuma chamar de urbanização do conflito armado ou escalada paramilitar, bem como o entrelaçamento desta com os interesses estatais. Testemunha também, que a comuna 13 é o caso paroxístico de um processo que se espalhou por muitos outros bairros pauperizados de Medellín.

John Fredy Mejía Ramírez, de 27 anos de idade, já havia sido ameaçado e foi desaparecido no dia 17 de maio de 2002, no bairro Santo Domingo Savio (Comuna 1). Em março do mesmo ano, Jorman, de 6 anos, foi baleado pela Polícia Nacional no bairro Las Independencias 3 (Comuna 13). Em 14 de agosto, também em Las Independencias, Juan Carlos, de 15 anos, foi executado pela polícia metropolitana. No bairro Olaya Herrera (Comuna 7), Dora, de 12 anos, foi executada por paramilitares. Em 21 de agosto, moradores dos bairros Belencito e El Corazón (Comuna 13), foram ameaçados por paramilitares, o que resultou em seu deslocamento forçado. No bairro Las Independencias, Juan Carlos foi desaparecido no dia 30 de novembro, por paramilitares. Dias antes, 12 de novembro, o morador do mesmo bairro, Carlos Alberto, de 15 anos, foi executado por paramilitares e membros do Exército Nacional. Seu corpo foi encontrado em Belén Altavista e registrado como N.N, acrônimo para *Nomen Nescio*, “não sei o nome”. Alguns anos antes, Ricardo Aricapa, ao escrever uma crônica sobre o Universal, o cemitério dos pobres, contava que a quantidade de N.N é o melhor indicativo da violência na cidade. E como o Universal é o cemitério oficial do Município, para lá eram destinados esses cadáveres, apinhados abaixo de toscas cruzes de cimento, repetidas em uma monotonia sinistra que dava ares de cemitério de guerra ao local. Ali são enterradas as pessoas dos estratos um e dois, bem como os mortos não reclamados no necrotério, é o cemitério de uma guerra “silenciosa e não declarada que acontece nos bairros extramuros de Medellín”. (Aricapa, 1998, p. 154) O Universal também consta na lista de lugares que se tornaram depósitos de desaparecidos.

Mas na Escombrera, terreno que pertence às empresas Bioparque S.A.S e El Cóndor S.A., não há cruzes. À primeira vista, não há nada além de entulho. E, no entanto, um grupo de mulheres não cansa de reclamar a escavação, que será também a exumação dos corpos. Em seu trabalho de luto, elas não estão particularmente interessadas nos impactos das intervenções urbanas, mas de uma coisa sabem: sua dor foi convertida em lazer, seja no Sendero de conexión, onde desembocam as escadas rolantes e pelo qual turistas podem encontrar diversas opções de diversão, com música, bebida e belas vistas, seja no ecoparque “La Escombrera”, onde é possível desfrutar de piscinas naturais, andar a cavalo e ver uma singela placa em homenagem às vítimas de desaparecimento. Mas fique tranquilo, James Zuluaga,

fundador do ecoparque da comuna 13, garante: não é aqui onde estão enterrados os corpos, é no terreno ao lado (El Colombiano, 2021).

Em 2015, foram iniciadas as escavações na escombrera, que seguem sendo interrompidas por uma série de empecilhos burocráticos. Ainda hoje, as Mujeres Caminando por la Verdad realizam vigílias em frente à Alcaldía para reivindicar a memória de seus desaparecidos. No início das escavações, o sacerdote jesuíta Javier Giraldo escreveu uma carta aberta a essas mulheres, na qual relembra a operação Orión e se refere à escombrera como um território de dejetos no meio de uma cidade que “se moderniza e embeleza para se adaptar aos cânones da rentabilidade do espaço” (Giraldo, 2015, p. 49). Os corpos descartáveis das numerosas vítimas são transformados em escombros urbanos que resultam da renovação da cidade. O próprio CINEP, em seu documento de 2003, já havia associado as operações militares ao desenvolvimento urbano.

O trabalho de busca dessas mulheres, sisífico, ajuda a criar um novo quadro referencial para olhar a cidade, no qual o que está abaixo dos escombros invade e contamina as narrativas de superação e renovação. Não se trata de denunciar a violência que está na fundação de um modelo de cidade ou na ocupação estatal do território, como se houvesse um modelo alternativo possível. Por um lado, esse novo enquadramento nos mostra como a descartabilidade de certas camadas da população é direcionada a determinados espaços, que por vezes são lidos como escombros. Por outro, chegamos ao muro intransponível que nos lembra que a racionalização da violência e a distribuição diferencial da morte é elemento pressuposto de qualquer Estado.

Mais do que transmitir ou preservar a memória de acontecimentos do passado ou restaurar a identidade de desaparecidos, sua incansável busca entrelaça passado e presente e nos permite escavar histórias soterradas e formulá-las como testemunhas das condições que possibilitaram o presente e devem ser lidas como parte dele.

É possível auscultar a vala comum?

“As escadas rolantes têm vários miradores de onde se avistam a comuna e Medellín, que, ao fundo, se espalha sobre o vale”. (Montoya, 2021, p.338) Pornomiséria, a define assim Arreola, personagem do livro *La sombra de Orión*, de Pablo Montoya. Ao descrever seu passeio pelas escadas, rodeadas de turistas, o narrador do livro conta a impressão de Arreola, que o acompanha no trajeto: “E aqui e acolá estão as tendinhas de souvenirs. Como em outras partes são vistas ruínas históricas e edifícios notáveis, aqui se vê a precariedade empoleirada nas montanhas para suscitar algo parecido ao entusiasmo. E são vendidos chaveiros, postais, lápis, camisetas. Em uma parte, garotos negros dançam Hip Hop e cantam. Até a música, bela rebelde, terminou domesticada, diz Arreola” (Montoya, 2021, p. 336)

Pedro Cadavid é o personagem principal do livro de Montoya, com quem frequentemente se confunde ao longo da narrativa. Além de Arreola, Cadavid relata seus encontros com uma série de personagens da comuna, conforme conta a história do bairro. Em uma visita com Alma pela arenera, um setor da escombrera, o casal encontra um personagem que carregava vários cabos em seus ombros. Mateo Piedrahíta é seu nome, e diz trabalhar com música, por isso carrega cabos de som e microfones consigo. Ao longo dos anos, construiu uma sonoteca com a paisagem sonora da cidade, mas seu trabalho principal está na comuna. Escutar suas gravações era, “em certa medida, voltar a certos episódios do passado” (Montoya, 2021, p. 284). Nelas, se podia escutar os helicópteros Black Hawk que sobrevoaram o bairro durante a operação Orión, bem como o som dos fuzis e granadas.

Mais recentemente, realizava seu trabalho na escombrera, onde buscava por rastros sonoros dos desaparecidos. Diante da difícil tarefa de exumar os mortos, Piedrahita buscava, com seus gravadores, a presença sonora espectral daqueles que desapareceram sem deixar rastros. Como são esses sons? Pergunta Pedro, cético professor universitário, e Mateo conta que são como sussurros quebrados, “gritos contidos, respiros rachados. Um pedaço de palavra entrecortada pelo peso dos escombros” (Montoya, 2021, p.291). Sons menores, que não chegam a formar sílabas, pois se desfazem na metade do caminho. Mas com esses gritos e sussurros abafados é possível criar uma composição, feita de fragmentos que aspiram ser uma língua.

Sem dúvida, não se trata da única vala comum da cidade, diz-se que estão em La Loma, La Torre, La Assomadora, Blanquizal, em Bellavista, e tantos outros lugares. A Escombrera, diz Mateo, é o lugar adequado para buscar por essa língua, pois ali não estão apenas os mortos da comuna, mas também aqueles que vêm de outros lugares, de cemitérios populares de Medellín, ou mesmo de outros municípios do departamento. Por baixo do solo, corre uma espécie de sistema sanguíneo morto, que une a Escombrera “a outras veias e artérias da geografia nacional”. (Montoya, 2021, pp. 287-288)

Fazem parte desse sistema sanguíneo o Rio Medellín, que cruza a cidade e outros 10 municípios do Valle de Aburrá, bem como o Rio Magdalena e o Rio Cauca, todos depósitos de corpos. Assim é traçada uma geografia do desaparecimento. Mas não são latrinas onde os dejetos são corpos considerados descartáveis, são espaços que abrigam sons soterrados, afogados, fragmentados. Sons que, se aprendermos a auscultar, talvez formem uma língua que nos permita não apenas perguntar como o passado foi possível, mas como o impensável segue acontecendo. Uma língua que nos permita dizer o indizível ao contar *outramente* histórias sobre as cidades.

REFERÊNCIAS

ALCALDÍA DE MEDELLÍN. **Plan de Desarrollo Local / Comuna 13 – San Javier**. Medellín: Alcaldía de Medellín, 2014

ALCALDÍA DE MEDELLÍN. **Plan de Desarrollo 2008-2011 “Medellín Es Solidaria y Competitiva”**. Medellín: Alcaldía de Medellín, 2008.

AMAR, Paul. **O arquipélago da segurança**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2023.

ARICAPA, Ricardo. **Medellín es así: crónicas y reportajes**. Medellín: Municipio de Medellín, 1998.

BATISTA, Vera Malaguti Batista. **O Alemão é muito mais complexo**. Revista Justiça e Sistema Criminal, jul./dez. 2011, v. 3, n. 5, pp. 103-125.

CERAC - Centro de Recursos para el Análisis de Conflictos. **Violencia juvenil en contextos urbanos.** Bogotá: Opciones Gráficas Editores, 2014.

CINEP & Justicia y Paz. **Caso Tipo No. 2. Comuna 13 – la otra versión.** Bogotá: Códice, 2003.

EL COLOMBIANO. **Expertos de la ONU critican a Colombia por condenar por terrorismo a manifestantes del Paro Nacional.** Medellín: El Colombiano, 23 de março, 2023.

EL COLOMBIANO. **Ecoparque “La Escombrera” le da nueva vida a la comuna 13.** Medellín: El colombiano, 19 de janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l1GtT9RoGdE>

EL TIEMPO. **Así será el dispositivo de seguridad para los dos conciertos de Karol G en Medellín.** Medellín: El Tiempo, 29 de novembro, 2023.

ENLOE, Cynthia. **Maneuvers: the international politics of militarizing women’s lives.** Berkeley: University of California Press, 2007.

ENLOE, Cynthia. **Globalization and militarism: feminists make the link.** Berkeley: University of California Press, 2007.

DINIZ, Pedro, **Arte urbana e música renovam periferia de Medellín.** Folha de S. Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 19 de outubro, 2017.

DUQUE, Luis F., MONTOYA, Nilton E.; RESTREPO, Alexandra. **Aggressors and resilient youths in Medellín, Colombia: the need for a paradigm shift in order to overcome violence**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2013. Vol. 29, N. 11, pp. 2208-2216.

GIRALDO, Javier. **La escombrera, la fosa común urbana más grande del mundo (Medellín-Colombia)**. Kavilando. Medellín, 2015. Vol. 7, N. 1, pp. 47-52.

HERNÁNDEZ-HOLGUÍN, Dora M.; SÁNCHEZ, Isabel C.; PÁEZ, Esteban; MONTOYA-VÁSQUEZ, Erika Maria. **El desarrollo personal de los jóvenes de Medellín, Colombia: más allá de las conductas de riesgo y de resiliencia**. Cad. Saúde Pública, 2016. Vol. 32., N.11, pp. 1-10.

IAAC Blog. **Proyectos de mejoramiento de barrios precarios con enfoque de desarrollo económico**. Barcelona: Institute for Advanced Architecture of Catalonia, 2023.

MADALOSSO, Giovana. **Um rolê pela favela pop de Medellín**. Folha de S. Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, setembro 11, 2022.

MONTOYA, Pablo. **La sombra de Orión**. Bogotá: Penguin Random House, 2021.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. **Política de defensa e seguridad democrática**. Bogotá: Ministerio de defensa nacional, 2003.

RESTREPO, Alejandro Echeverri; ORSINI, Francesco M. **Informalidad y urbanismo social en Medellín**. In: ARBAUX, Michel Hermelin; RESTREPO, Alejandro Echeverri; RAMÍREZ, Jorge Giraldo (Eds.). Medellín: Medio Ambiente, Urbanismo y Sociedad. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2010.

RODRÍGUEZ, Gabriel Ignacio; OSORNO, Luz Nelly; CORREA, Óscar; ANDRADE, Rubén Fernández (Eds.) **Comuna 13 Medellín: Memorias de un territorio en resistencia: Graves violaciones a los derechos humanos y resistencias a la violencia en la comuna 13 de Medellín durante el periodo 1995-2020**. Medellín: Centro de Fe y Culturas / Corporación Jurídica Libertad / Instituto Popular de Capacitación, 2021.

SERJE, Margarita. **El mito de la ausencia del Estado: la incorporación económica de las “zonas de frontera” en Colombia**. Cahiers des Amériques Latines, 2012, v. 71, pp. 95-117.

SMITH, Anna Marie. **Welfare reform and sexual regulation**. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

ZEZÉ, Preto. **Um diálogo entre Medellín e as favelas brasileiras**. Folha De S. Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 14 de junho, 2023.